

O triste fim de João Lucas

Por: Victor Barreto Mesquita

- João Lucas, acorda!, disse Mônica ao filho, era o seu primeiro dia na escola.

- Só mais alguns minutinhos mãe. Respondeu o filho.

Ele levanta-se, se olha no espelho, se veste, vai até o espelho novamente, se despede da mãe e vai caminhando para escola em passos bem vagarosos.

Era uma manhã fria, o céu estava nublado, gostaria de ter dormido mais um pouco. Entra numa sala, olha todos aqueles rostos que pareciam não se conhecer.

O silêncio da sala, que parecia estar vazia, é interrompido pela entrada de uma professora, de matemática.

- Bom dia, classe! Como vão vocês? Espero que bem.

Ela falava e notavelmente estava com bastante energia.

Após algum tempo, alguns grupos foram sendo formados. "O critério deve ser afinidade", pensou João Lucas.

Ele apenas queria completar cada dia, sem a necessidade ou se sentir na obrigatoriedade de fazer alguma amizade. Não via ninguém que chamava seu interesse. Ficar sozinho não parece ter sido somente uma escolha, era uma consequência. As vezes, era de interesse da professora a formação de grupos. Resolveu questionar:

- É para que você e seus colegas se interajam. Respondeu a professora.

Notou que era alguma "lei pedagógica", algo que tornava os professores irredutíveis quanto a não aceitar o isolamento social de um ou outro. Talvez fosse isso mais importante que a disciplina. Bom, ele não conseguiu essa interação, e era forçado, pelas tais circunstâncias, a ficar com nota baixa em trabalhos que eram feitos em grupos, mas não despertava sua preocupação.

Ele só queria dar continuidade, aquilo um dia acabaria e ele poderia viver do modo que quisesse.

Em casa, sua atuação não era bem diferente. Enquanto não estudava, ou escutava música, ou via algo de seu interesse na internet, seus olhos não buscavam ninguém.

Na mesa de jantar, vezes ou outra Mônica perguntava:

- Ei, filho! Como foi seu dia?

- Nada mal mãe, respondia.

Mônica não deixava de notar... seus olhos estavam focados na refeição, sua fala era praticamente automática.

Só tornava as frases cada vez mais curtas, e mais e mais. Desânimo, talvez? Seu pai, Jonathas, fazia de tudo para interagir com seu filho, fazer com que ele praticasse esportes, etc, etc

Percebia um impulso inicial no sentido de fazer um esforço que seja para participar, mas depois, parecia já enjoado. Começou o basquete, depois de duas semanas, não queria mais saber do esporte.

Passava a maior parte do seu dia, em um quarto, olhava para o teto e sonhava, acordado, com coisas que puderia fazer no futuro, quando estivesse "livre".

Sempre imaginava rodeado de belas garotas, dirigindo um carro caro, um típico corretor de valores de sucesso. Um típico milionário.

As cidades para que viajaria, Paris! Veneza! Budapeste! Praga! Toronto..., aqueles inferninhos da República Tcheca, etc.

Sempre rodeado de amigos, bebendo à luz do dia, sem grandes preocupações. Falando sobre bons negócios, sobre o quanto estava ganhando de dinheiro, as mulheres que tinha, os lugares que conhecia.

Mônica abria um pedacinho da porta, de forma muito cautelosa, para não irritar seu filho invadindo sua privacidade. Olhava para ele, "ele está sorrindo, isso significa que está bem". "É só uma fase, logo passa", assim pensava. Não era um garoto que havia passado por dificuldades na infância, pelo contrário, típico de uma família classe média alta, pais médicos, sempre estudou nos melhores colégios da região, morou em várias residências, todas elas com o toque da sua mãe e de seu arquiteto paisagista Itamar, para proporcionar aos residentes o maior conforto possível.

João Lucas adorava sonhar. Talvez fosse a possibilidade de se colocar em variadas situações, como ser presidente da república enquanto tocava em uma banda de rock, que o fazia tanto sonhar. Essa ação que envolve pouca energia, pouco estudo, pouco trabalho e poderia proporcionar variados tipos de status.

Ser o que quer ser, até uma pedra que fosse. Mas para isso era necessário uma boa imaginação e em seu caso, uma grande fatia do tempo. Não se sentia isolado, as mulheres que criava, os amigos que fazia, estava à todo momento com ele, bastava pensar e eles surgiam. Não era necessário a fala, o tato ou qualquer outro sentido para que desse uma ordem. Para fazer sexo com alguma de suas mulheres, bastava pedi-las, sem erotismo, sem longos diálogos, elas sempre concediam.

Aquele mundo que inventava, que era tão particular e também tão privado. Ninguém sabia dos seus mistérios, das suas vontades, se ele não contava, não havia como saber.

Quando estava na escola dava tão pouca atenção aos ensinamentos do professor, queria estar em casa, deitado, olhando para cima e sonhando acordado. Ou então lendo algum livro indicado por um dos professores, fazia sentido ele ser o Bentinho e a Capitú, uma ninfa selvagem, o desejava como um crente deseja o reino dos céus. Ele, de certo, poderia repensar a história, deixá-la mais ao seu gosto, colocando toques eróticos, revestindo as cenas de flores rosas ou corvos negros.

Mônica percebia seu filho cada vez mais distante:

- Terra chamando João Lucas, brincava.

Ele sempre sorria, estava tão satisfeito com a vida. Para ele, não havia nada de anormal, todos temos um hobbie, o dele era de ser um sonhador.

Jonathas tentava tirar o garoto de casa, percebia o tom pálido de sua pele e tentava persuadí-lo à sair, pescar, caçar, qualquer coisa que possa fazê-lo "ver a cor do sol".

João Lucas, normalmente, passava todos os fins de semana fechado dentro do quarto. Não queria ver como estava o tempo, se o sol hoje está mais azul, resumia seus fins de semana à sonhar, e quase sempre investia em cafeína para poder aproveitar a noite e sonhar mais um pouco.

Gostava, de certo, do movimento noturno, da noite. Os dias poderiam ser resumidos a isto, estaria satisfeito.

Adorava, da sacada, com uma xícara de café, olhar como está a lua, ver como o céu estava estrelado. Mas qualquer barulho o incomodava, barulho de animais e de outras pessoas da noite.

Cada vez mais deixava seus afazeres para a noite, sem barulhos, sem distrações, apenas ele e o livro.

João Lucas não era um garoto feio, era magro (mas não muito), tinha um tom suave na face e uma pele que dispensa comentários. Seu cabelo era liso, seus olhos negros e sua fala lenta. Não gostava, nas poucas coisas que falava, cometer erros ortográficos. Deveria falar, parecendo-se com os reis, os políticos que tanto sonhava.

Os livros que detalhavam o estilo monárquico era um deleite aos seus olhos. Sempre se imaginava na posição exercida por um nobre e como, como eles tinham uma oratória desenvolvida. Os gregos, os romanos, investigaram e desenvolveram tanto a "ciência" da oratória que tornava nossos diálogos diários cada vez mais pobres.

A verdade é que nós, do mundo contemporâneo, só sabemos trocar informações. Nossas prosas são sempre sobre assuntos cada vez mais superficiais e sempre evidente a energia que gastávamos em manter um nível sempre medíocre na fala. De certos somos uma plebe, uma plebe rude.

Às vezes, sentava no pátio, ouvindo música, ele fitava uma garota, a com a pele mais branca. A mais bonita. Aquela garota com traços que parece ter sido pensado cada detalhe, dando um acabamento digno de uma deusa, entre os homens. Queria possuí-la, e assim guardava sua imagem em seu pensamento.

Queria constituir família ao seu lado, criar filhos bonitos, ser loucamente apaixonado por ela cada dia que os dois passassem juntos, e claro, de forma recíproca.

Que os dois passassem a eternidade afastado de tudo e todos, em um belo paraíso, ele e sua garota sem defeitos, cujo cheiro poderia contaminar com o efeito da paixão qualquer ser vivente, por isso deveriam viver isolados.

Aprenderia a viver com bem pouco, nada importava quando se importa é somente o amor. Passava meses com aquele pensamento fixo, divinizando a mesma garota até, como em um sopro, o fogo que alimentava suas ilusões, apagava.

Precisava de um novo sonho.

Seu comportamento anti-social, começou a despertar em outros alunos, uma anseio ao assédio. João Lucas parecia tão alheio à qualquer coisa que, aos poucos, foi despertando os sentimentos menos nobres dos seus colegas. Deveria ser algum metido, o homem é um animal sociável e não conseguiam entender o comportamento daquele garoto.

Primeiro, os insultos, veio em forma de apelidos, que ele sempre ignorava. Percebendo a inércia do garoto, ou a total indiferença, rapidamente o assédio passou a ser grosseiro e físico. João Lucas, vezes em vezes, chegava em casa marcado com um soco, ou com ematomas de um chute. Corria direto para seu quarto e fechava-se, cada vez mais, em seu mundo. Mônica interrogava-o:

- O que está acontecendo, João? Você entrou machucado. Conte-me, sou sua mãe.

O garoto apenas a ignorava.

Mônica passou a interrogar também os professores, começou a ficar preocupada com o profundo estado de isolamento do filho.

- Ele é um garoto bastante quieto, diziam os professores.

Ela então corria até Jonathas.

- Precisamos conversar, estou sentindo que estou perdendo o João.

- Podemos tentar sondá-lo, respondia Jonathas.

Nenhuma ação de seus pais, para ajudá-lo, surtia efeito. O garoto era, simplesmente, irreduzível. Aí viam as férias, as tão esperadas férias do colégio. Onde podia passar mais tempo fazendo o que gosta... sonhar.

Os pais? pobres crianças. Que poderia fazê-los? O vício do garoto era algo tão incomum. Talvez se as drogas fosse um problema, seria mais fácil tomar alguma atitude, mas quando um ser, só pede o distanciamento, que podemos fazer? impedi-lo? de que forma? Quando-se está tão convicto de que viver em um mundo idealizado é melhor que o real, basta, somente, observarmos.

Em seus sonhos, ele era invencível. Fazia daqueles adolescentes sopa, com chutes e socos, claro, sem perder a classe. Não fazia questão de ler pronunciamentos, de ler tratados sobre o assédio, queria apenas revidar toda violência sofrida. Sua estratégia parecia estar contida em seus sonhos. Passou a dar mais atenção aos filmes de lutas e encarnava os personagens, Bruce Lee imbatível na pele de João Lucas, que com golpes marciais faziam os agressores chorar e as garotas felizes. Elas gritavam seu nome, diziam estar arrependidas e queria apenas dele seu amor.

Assim se passava as férias de verão de João, com sonhos e mais sonhos, às vezes seu pai, Jonathas, tentava tirá-lo daquela prisão, seu quarto, mas não obtinha progresso. O garoto queria mesmo se isolar. Passou a comer no quarto e seus pais apenas, passaram a ver, seus vultos. Era quase um fantasma.

Sua mãe trouxe uma psicóloga, que tentou vê-lo mas também foi ignorada. Ela explicou que aquela fase, da adolescência, era normal, em certos garotos, uma falta de convívio social. Mas isso, ela explicava, poderia torná-lo suas vidas pessoais cada vez mais desagradáveis, portanto era importante que os pais continuassem intervindo, procurando a conversa.

As férias terminaram, o mundo real retornou. João Lucas não estava nem um pouco animado para seu primeiro dia de aulas, mas acordou bem cedo, se arrumou e ficou a espera do café. Ali pensava como seria torturante ir às aulas, mas no final, sempre tinha o conforto de sua casa, de seu lar.

A primeira semana corria sem nenhum grande imprevisto, mas no final da segunda semana um dos garotos, cercaram João Lucas e iniciou uma agressão, João foi segurado por amigos daquele garoto, e nada pode para se defender, não se lembrava de como usar aqueles golpes, os aprendidos vendo filmes.

Depois de a briga ter sido apartada por alguns moradores, João sentia então a visita da dura realidade.

Nas semanas seguintes, houve mais agressões, os garotos estavam bem dispostos a mostrar à João como pode doer o isolamento, literalmente. Não conseguia se defender, seus movimentos às vezes beirava o risível.

Passou a sentir medo de frequentar as aulas, tinha mesmo é que ficar em casa, à sós, com seu mundo perfeito. Ainda reconhecia superioridade em suas ações, julgava seus algozes apenas ignorantes, inseguros.

Ele procurou então um novo local, sabe, algo que fizesse ocupar o tempo da escola e que fosse tranquilo, o suficiente, para poder continuar sonhando. Havia um córrego, próximo à sua casa, e uma árvore na margem desse córrego à uma distância de talvez, dois metros. Não julgava fácil se adequar à nova situação, levou livros consigo. A mudança não tinha sido uma opção por muito tempo, não estava acostumado.

Após algumas semanas, Mônica descobriu que o garoto não estava mais indo às aulas, o seguiu, e chegou até o córrego.

- Então é aqui que você fica o dia todo? Olha, João Lucas, acho melhor você me contar tudo.

O garoto apenas abaixou a cabeça, era notável a tristeza em seu olhos, Mônica fitou-o e disse:

- Bem, se é a escola que está lhe incomodando, podemos transferí-lo. Mas se é algo mais, preciso que fale.

O garoto não queria ignorar a mãe, mas sabia que se contasse o que estava de fato ocorrendo, iria acabar tomando remédios em alguma clínica psiquiátrica.

Mônica resolveu então pela mudança de colégio, mudando-o para um colégio há quarenta minutos de ônibus dali. Era uma escola com psicólogos, com pedagogos com vasta experiência educacional, pelo menos era isso que eles gabavam-se.

João Lucas continuou indo à escola e em feriados, ou fins de semana, procurava a árvore do córrego para satisfazer suas distrações. Como era um lugar muito remótomo, não havia muita movimentação, a não ser de alguns animais e claro, o som emitido pela pequena correnteza do córrego, ele teve uma ideia.

Ele então olhou para a outra margem, tinha pincel e tinta, e começou a pintar um quadro.

Nunca havia tido aulas avançadas de artes e praticamente tudo que sabia era teórico, mas as ideias simplesmente foram fluindo e cada traçado parecia transmitir aquilo que pensava.

Sempre envoltava o quadro em um pano, e com todo cuidado, levava para casa. Quando podia, retocava e como tinha uma memória excelente, não perdia detalhes do que havia imaginado.

Estava tudo incluído em seu quadro, como queria, sua moça de pele pálida, que transmitia muita vida pelos seus olhos, estava envolta em uma toalha, dessas de praia, enquanto o córrego trazia o reflexo de seu belo corpo.

Um quadro que ficou lindo, e estranhamente, poucos traços físicos do local poderia se encontrar na imagem. Afinal, quem era a bela morena de pele pálida? Apenas o fruto de sua imaginação?

Ele pregou o quadro em um posição privilegiada para poder ver quem deitasse na cama. Mônica viu e disse:

- Lindo. Mas quem é ela mocinho?

Ela achou que poderia ser uma namorada, alguém com quem tinha passado os dias. O fato era que havia muito sentimento no quadro para ser fruto apenas da imaginação, era simplesmente inacreditável.

Mas ninguém sabia, e seria melhor que assim fosse. A conversa tomou o jantar da família, deixando menos preocupados Jonathas e Mônica, parecia que enfim seu filho estivesse se socializando e se interessando por garotas.

O fato é que João Lucas estava mudando, ele passava a se tornar mais sociável e começou a trocar olhares com uma certa garota. Carol, era uma menina ruiva, talvez a única que João conhecia, era magrinha e tinha algumas sardas no rosto. Falava de forma meiga e apenas andava com uma prima.

Era uma garota muito linda, mas também muito tímida, de forma que para João seria muito difícil a aproximação.

O garoto contava com os olhares, e ela, com o tempo, passou a notar que os olhares era direcionado para ela. As vezes passavam um tempo que João encontrava os seus olhos, durava alguns segundos, mas valia a pena. Ele passou a pintá-la, em seus quadros, sempre na mesma posição da cadeira, voltando os olhos para o observador, dava até impressão que seus olhos o seguia.

Os quadros eram praticamente idênticos, o que mudava é tão somente, a maquiagem que a garota usava no dia, se estava agasalhada ou não, ou se mudou o penteado do cabelo.

Ele gostava de olhar para todas as configurações, sentia-se vivo e animado ao pintá-la.

Levou um tempo para João ter o primeiro diálogo significativo com Carol, estavam em um grupo de estudos, e Carol percebendo a presteza do garoto e alguns desenhos em seu caderno, perguntou:

- É seus esses desenhos?

- Sim, são meus.

- Bonitos, você desenha muito bem.

João escutou de seus meigos lábios aquelas palavras tão importante, julgava que não deveria perder a oportunidade e disse:

- Poderia lhe desenhar, isto é claro, se você aceitar.

- Que bonito. (a garota pegou uma foto da bolsa e lhe deu). Tome-a, para seu desenho.

A foto era sua em um parque, com um lindo sorriso, enquanto segurava a coleira do seu cachorro.

João queria desenhar cada detalhe daquela foto, pareciam tão importantes, não poderia se atrever à fazer alterações, toda beleza e todo charme da imagem estava nos detalhes mais simples, assim pensava.

Ao chegar em casa pôs todos os afazeres em segundo plano, queria toda atenção voltada para aquela tarefa.

Seus traços pareciam mais precisos e sua cautela estava evidenciada em todo detalhe. Não dava um traço sem pensar em sua consequência, conseguiu terminar o desenho em uma noite.

No outro dia, Carol foi surpreendida com a imagem em tão ávido tempo. Percebeu que o garoto estava com olheiras no rosto, mas a delicadeza com que ele entregou a imagem e o resultado da mesma tomou toda sua atenção.

- Lindo, sem mais palavras, assim disse a garota.

- Posso pintá-la, isto, se você quiser.

- Não sabia que você também sabia pintar, que dom! Claro que gostaria, se isso não fosse um incômodo, é claro.

- Incômodo algum, respondeu o garoto, deu um sorriso e se virou para o quadro, a professora havia chegado.

Carol fitou o desenho praticamente a aula inteira, e interrompia esta ação com alguns olhares para o João, pretendia continuar agindo com graciosidade, queria ver até onde ia as intenções do garoto.

Chegando em casa, colocou o desenho perto do espelho, próximo aonde estava presa a foto que tinha emprestado. Era impressionante a semelhança.

João tinha um talento para as artes muito notável, principalmente para o impressionismo. Mal ouvira falar de tal vertente cultural e era como se conhecesse afincado. Prometeu o quadro a Carol, e tentava torná-lo preciso nos seus mínimos detalhes. Reservou um fim de semana inteiro para isso. Mas seu perfeccionismo falava muito alto, era comum ele jogar no lixo a tela antes de concluir a obra, por pequenos erros que talvez não seria notado por muitas almas.

Depois de muitas tentativas, João estava exausto com tamanha energia que demandou para tal tarefa, mas o resultado, este, parecia perfeito. Era certo que Carol gostaria por muito menos detalhismo e menos empenho do artista, havia quadros formidáveis, mas ele estava buscando, acima de tudo, a perfeição.

Talvez não soubesse o real significado de tal palavra "perfeição", mas era, como a bondade, algo a ser perseguido, assim pensava.

No outro dia, entregou o quadro à garota e recebeu da mesma um convite para assistir um filme no cinema próximo.

- É um filme de comédia, vai ser o máximo. Nós nos encontraremos na pracinha às 17:00?

- Combinado, respondeu o rapaz.

Não pensava receber um convite daqueles depois da entrega do quadro. Esperava ações menos contundentes da garota, talvez apenas um belo sorriso e um dito "obrigado".

Mas aceitou, achava que deveria procurar conhecê-la melhor, algo fazia-o se incomodar com sua falta de entusiasmo, com o acomodamento que tinha tido até então.

Chegando em casa, fechou a porta do quarto, e o senso de realidade pareceu visitá-lo por alguns momentos. Estava muito nervoso e não sabia como proceder. Passou um tempo pensando em desistência, encontraria alguma desculpa para voltar atrás no encontro. Entretanto, a gélida situação, o realismo do confronto com a realidade fez todos seus pensamentos paralisarem.

Seu pessimismo agora falava mais forte.

Seu entusiasmo havia lhe deixado, assim como seu bom humor.

Às 17, em ponto, ele estava no local marcado. A garota ainda se atrasou por dez minutos, desculpando-se do engarrafamento. Estava mais bonita, mais cheirosa que o habitual, quase irreconhecível. A verdade que estava linda.

- Não vamos entrar?, perguntou Carol.

- Sim, vamos.

O rapaz simplesmente não conseguia falar nada impressionante, nem durante a compra dos bilhetes, das pipocas e das bebidas.

- Nossa, como você é quieto. Observou a moça.

- É este meu jeito, respondeu João.

O filme começou, era de fato um filme bastante engraçado, sem ser bastante apelativo, e tinha bons atores contracenando. João não conseguiu dar uma palavra durante o filme. Nenhum comentário, nenhuma ação que chamasse a atenção da garota. Se mantinha no máximo absoluto silêncio.

"Depois desse dia, ela vai me odiar", pensou ele.

O filme terminou, os dois saíram da sala. João permaneceu calado por alguns minutos. Depois perguntou:

- Você gostou do filme?

- O filme é legal, mas sinto que você me evitou todo esse momento.

Houve algum problema?

O garoto abaixou a cabeça, sentiu o calor de um beijo de despedida e foi para a casa bastante pensativo.

A verdade é que nem de longe foi como seu mundo idealizado, onde sua oratória e seu cavalherismo é fluente como só pode ser a fala de um nativo. Confrontado com a realidade, sentia, fez papel de palhaço o tempo todo.

O garoto chegou em casa confuso, não fez questão de deitar-se na cama e se acomodar na côstume posição. Sentia-se triste, queria fugir daquela realidade, mas nem isso conseguia. Um simples encontro foi capaz de perturbá-lo, de modo que seus pensamentos foram engolidos por um "buraco negro".

Sabia, que uma hora ou outra, teria que enfrentar a realidade, "bater de peito" com os fatos.

Só não sabia que seria assim, tão cedo.

Andava de um lado para outro da casa, como se quisesse achar alguma familiaridade com os objetos daquela casa, fitava todos por um certo momento. Passou a conversar com seus pais, mas julgava-os viverem fora de sua dimensão, de seu mundinho.

Passou a se exercitar mas os ecos das falas, das falas inocentemente maldosas dos outros garotos, a sua reação diante das variadas situações, a sua incapacidade de ser feliz novamente, sonhando, o fez ter pensamentos sombrios, tristes, começou a não ver saídas para seu problema.

Uma noite, pensando, sentiu que aquela realidade não era a sua, que nunca se adaptaria aquela vida, que aquilo não era um mal estar, passageiro. Se levantou em lágrimas, foi até a sacada de um antigo hotel, olhou todos aqueles carros, casais de namorados que passavam sorridentes, e se perguntava, "como passou tanto tempo alheio à aquilo que estava passando, à sua vida?".

Em lágrimas, deu um ultimo suspiro, e se jogou da sacada de um hotel de nove andares.

Para o enterro foram poucas pessoas, e sua mãe, Mônica, passou bastante tempo pensando no que fez o jovem João Lucas se atirar daquela forma, mesmo explicando, era certo que ela dificilmente entenderia.